

O que as palavras não conseguem dizer? Reflexão dos significados do silêncio no contexto grupal

Or that we can't say the words? Reflecting two meanings of silence in a group context

Johnatan Martins Sousa

Doutor em Enfermagem, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

E-mail: johnatanfen.ufg@gmail.com

Fernanda Costa Nunes

Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

E-mail: fernandanunes@ufg.br

Roselma Lucchese

Doutora em Enfermagem, Universidade Federal de Catalão, Catalão, GO, Brasil.

E-mail: roselma@ufcat.edu.br

Camila Cardoso Caixeta

Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

E-mail: camilaccaixeta@ufg.br

Elizabeth Esperidião

Doutora em Enfermagem Psiquiátrica, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

E-mail: betesper@ufg.br

Marciana Gonçalves Farinha

Doutora em Enfermagem Psiquiátrica, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

E-mail: marciana@ufu.br

Resumo

Objetivou-se refletir sobre os significados do silêncio como comunicação não verbal no contexto grupal para a melhoria da coordenação de grupos nos diversos cenários do cuidado no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Estudo teórico reflexivo sobre os significados do silêncio no contexto grupal, como contribuição à prática de coordenadores de grupos em suas distintas abordagens. No contexto grupal, o silêncio é uma comunicação relevante, e a ele podem ser atribuídos inúmeros significados: tensão, conflito, medo, dor e perda, amor e paz, expectativa, reflexão, solidão, dependência transferencial, atenção, resistência e bloqueio emocional, desinteresse, depressão, dificuldade de comunicação, respeito, mágoa, adeus e desconfiança. É preciso habilidade dos coordenadores de grupos para reconhecer os diversos tipos de silêncio que podem se manifestar durante as sessões grupais.

Descritores: Estrutura de grupo; Prática de grupo; Práticas interdisciplinares; Prática profissional; Processos grupais.

Abstract

The objective was to reflect on the meanings of silence as non-verbal communication in the group context to improve group coordination in different care settings within the scope of the Unified Health System (SUS). Reflective theoretical study on the meanings of silence in the group context, as a contribution to the practice of group coordinators in their different approaches. In the group context, silence is a relevant communication, and countless meanings can be attributed to it: tension, conflict, fear, pain and loss, love and peace, expectation, reflection, loneliness, transference dependence, attention, resistance and emotional blockage, disinterest, depression, difficulty communicating, respect, hurt, goodbye and distrust. Group coordinators need the ability to recognize the different types of silence that can occur during group sessions.

Descriptors: Group structure; Group practice; Interdisciplinary practices; Professional practice; Group processes.

1 Introdução

Os atendimentos grupais, são potentes modalidades de cuidado no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Os grupos terapêuticos são coordenados por profissionais de saúde de diversas categorias, incluindo a psicologia, a enfermagem, a medicina, a fisioterapia, a educação física, a musicoterapia, entre outros profissionais. As grupoterapias podem ocorrer na atenção primária, secundária e terciária, em especial no campo da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) (Sousa et al., 2022; Souza et al., 2023; Yoshida & Furlan, 2021; Santos & Sousa, 2021). E com o advento da pandemia do COVID-19, os atendimentos grupais de forma on-line se intensificaram para prestar atendimento à população (Ferracioli & Santos, 2022; Neufeld et al., 2021; Sola et al., 2021; Solidade et al., 2022).

No contexto do SUS, o grupo também pode ser utilizado como uma ferramenta de gestão e desenvolvimento de pessoas (Rézio et al., 2022; Sousa et al., 2020a), como recurso de ensino, aprendizado (Moreira et al., 2020; Santos et al., 2022) e pesquisa (Corrêa et al., 2021; Oliveira et al., 2022), por isso aqueles que se propõem a assumir o papel de facilitador e coordenador de grupos precisam desenvolver, competências (conhecimento, habilidades e atitudes) para a aplicação efetiva e adequada da tecnologia grupal (Prado & Cardoso, 2020; Sousa et al., 2023a). Compreende-se por tecnologia grupal a operacionalização teórica, metodológica e técnica da ciência da dinâmica grupal com a finalidade de cuidado, gestão de pessoas, ensino e na implementação de investigações científicas (Nunes et al., 2019).

Os atendimentos grupais são intervenções que podem beneficiar seus integrantes por meio da manifestação de diversos fatores terapêuticos em vários contextos assistenciais, como demonstra a literatura científica nacional e internacional (Aquino & Sei, 2020; Andrade et al., 2022; Arnosso, & Gonzalo, 2022; Barbosa et al., 2023; Brito & Ponciano, 2021; Sousa et al., 2020b).

Pesquisas que abordam a temática do trabalho com grupos têm revelado que os profissionais desconhecem aspectos teóricos e práticos importantes para a tarefa da coordenação, tal como a indefinição conceitual do que é a Dinâmica de Grupo, pouco conhecimento sobre os elementos da estrutura, processo e conteúdo que marcam a tríade do funcionamento grupal (Maré, 1974), o que pode gerar barreiras importantes na atuação do coordenador (Nunes et al., 2020; Nunes et al., 2021; Sousa et al., 2023b).

Existem elementos no funcionamento do grupo que marcam sua dinâmica, dentre os quais destacamos a liderança, a motivação e a comunicação. Amado & Guittet (1978) em seu

estudo sobre a comunicação nos grupos afirmam que há comunicação toda vez que um organismo vivo modifica o funcionamento de outro organismo, alterando sua ação, por meio da transmissão de uma informação, através de mensagem. Assim a comunicação não acontece somente quando é intencional, consciente e bem-sucedida, mas em qualquer situação em que um indivíduo altera o comportamento de outro de forma voluntária ou não.

Considera-se deste modo que nas situações de interação do contexto grupal, todo comportamento tem valor de mensagem, portanto comunicação e conduta são sinônimas, pois por mais que os indivíduos se esforcem não lhes é dada a opção de não se comunicar (Nunes, 2009; Watzlawick et al., 2011).

Aspectos da comunicação como ruídos, barreiras, monopolização da fala, influências afetivas, inadequação de linguagem bem como o silêncio podem emergir no contexto das interações grupais, cabendo ao coordenador do grupo manejar e intervir para que todos os membros tenham voz e participação (Câmara et al., 1999; Georgiou & Reynolds, 2018; Nunes, 2009).

Quando os participantes do grupo escolhem nada dizer, e se expressam através do silêncio, estão transmitindo a informação de que não querem ou não conseguem se comunicar verbalmente naquele momento. Em uma pesquisa realizada com coordenadores de grupo, o manejo do silêncio emergiu como uma dificuldade no enfrentamento de problemas de comunicação no contexto grupal (Nunes et al., 2019). O silêncio, representa para muitos coordenadores de grupo um aspecto negativo do movimento grupal, que deve ser eliminado e superado, o que é um equívoco. Defende-se aqui que o silêncio é um fenômeno do processo de comunicação grupal que deve ser acolhido, compreendido e explorado.

Considerando que compreender e manejar o silêncio no e do grupo é um aspecto fundamental para a aplicação da tecnologia grupal, este artigo teórico reflexivo tem como objetivo refletir sobre os significados do silêncio como comunicação não verbal no contexto grupal para a melhoria da coordenação de grupos nos diversos cenários do cuidado no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

De onde vem nossas inquietações e quem trazemos para dialogar conosco

A motivação para a escrita deste artigo nasceu durante o percurso da pesquisa “Saúde mental, álcool e outras drogas e o uso da Tecnologia Grupal” da qual originou uma dissertação de mestrado, que abordou a temática de intervenções grupais implementadas por profissionais

da atenção psicossocial (Sousa, 2020); e uma tese de doutorado que analisou a implementação e os resultados de um processo de qualificação de profissionais de Centros de Atenção Psicossocial para o uso da Tecnologia Grupal (Nunes, 2020). Das referidas investigações emergiram inúmeros desafios relatados pelos trabalhadores da saúde mental na tarefa de facilitação de grupos tais como: dificuldades para fazer um planejamento efetivo nos grupos; não saber como promover a adesão e manter a vinculação dos usuários aos grupos; inabilidade para lidar com usuários que se mostram resistentes às atividades propostas no grupo, que não participam e não verbalizam suas emoções e pensamentos durante os encontros.

Para construção deste artigo realizou-se uma busca no “Portal de Periódicos da CAPES” utilizando o recurso da busca avançada, com as seguintes palavras chaves em qualquer campo dos documentos: "silence"; “therapeutic group” e “group process” e o boleano “and”. Adotou-se o recorte temporal dos últimos cinco anos, de janeiro de 2019 a janeiro de 2023 para as buscas. Foi possível encontrar 06 artigos, sendo que em nenhum deles discutiu-se o silêncio grupal no contexto dos grupos terapêuticos. Deste modo adotou-se para as reflexões aqui apresentadas um referencial teórico baseado em livros de autores renomados no campo da Dinâmica Grupal, são eles: “O Psicodrama Triádico: uma síntese entre Freud, Moreno, Kurt Lewin e outros” (Schutzemberger & Weil, 1977); “A Dinâmica do Trabalho de Grupo” (Castilho, 2004).

Método

Trata-se de um artigo teórico reflexivo sobre os significados do silêncio no contexto grupal, como contribuição à prática de coordenadores de grupos em suas distintas abordagens. Para isso, foram divididos dois tópicos: 1. Os tipos de silêncio e seus significados; 2. Como acolher o silêncio grupal para desvelar seus sentidos e significados?

Os tipos de silêncio e seus significados

Ressalta-se que o fenômeno que aqui se discute é o silêncio que ocorre quando o grupo inteiro fica sem verbalização por um período de tempo. Um comportamento coletivo que difere significativamente da conduta individual de um participante que decide, individualmente, por falar pouco ou nada no grupo, durante várias sessões seguidas (Schutzemberger & Weil, 1977).

Harris (1998) afirma que quanto mais longo o silêncio, mais "carregado" e significativo ele parece. Não causa, portanto, estranhamento que entre os autores que discutem a temática,

seja possível encontrar 18 tipos distintos de silêncio descritos. Alguns que representam um movimento de resistência do grupo às tensões vividas no seu interior pela perda, dor emocional, conflito, desconfiança; outros que trazem a tona experiências prazerosa da plenitude, amor, paz e respeito; e um terceiro grupo de silêncios que dão notícia das reflexões, processamentos internos e aprendizados diante do dito e de um fenômeno grupal experimentado. Trata-se de uma divisão didática feita para fins de aprendizagem, ressalta-se que o silêncio grupal pode ter mais do que um significado associado.

O silêncio de tensão é um dos mais notados no contexto grupal, geralmente ocorre no início do grupo e também no começo dos encontros, momentos em que os participantes estão bloqueados e angustiados diante de uma situação nova. Ele é acompanhado por uma tensão corporal percebida na respiração que diminui, nas trocas de posição nas cadeiras, no movimento dos pés e pernas que se balançam, no roer das unhas, nas mãos escondidas entre as pernas, sendo que alguns membros assumem uma posição de contração e encolhimento (Castilho, 2004; Schutzemberger & Weil, 1977).

O silêncio de conflito também pode emergir nos grupos e envolve sentimentos de hostilidade, agressividade, oposição, ódio, reprovação ou medo, o que demonstra a sua complexidade. Ele pode ser percebido em três situações, a primeira representa uma reação hostil do grupo ao coordenador por uma reflexão, verbalização ou ação que gera descontentamento dos integrantes. Dessa forma, o silêncio representa a desaprovação do grupo (Castilho, 2004; Schutzemberger & Weil, 1977). A segunda situação em que o sentimento de conflito pode ocorrer nos grupos é quando um ou mais de seus integrantes carrega ressentimentos, o que os faz ficar inibidos, com medo de se posicionarem e atingir os outros, de não serem compreendidos, ou de serem colocados contra a parede. Essa repressão, faz com que a tensão e o medo fiquem presas no interior das pessoas que compõem o grupo, podendo desenvolver manifestações psicossomáticas como cefaléia, êmese, diarreia e rigidez muscular (Castilho, 2004).

A terceira situação em que o silêncio de conflito pode ser observado está ligada a uma reação intempestiva de ódio ou raiva, diante da qual todo o grupo fica paralisado pela tensão e se volta para a expectativa do que está por vir. Outro membro pode atuar como um estimulador dessa expressão que está contida. Caso não tenha sucesso, o coordenador pode intervir para viabilizar a exteriorização e solucionar o conflito (Castilho, 2004).

O próximo silêncio que pode ser identificado no grupo é o de medo. Ele é detectado quando uma atividade terapêutica traz muitas repercussões no contexto grupal, especialmente as intervenções psicodramáticas. Nesse caso, as pessoas ficam paralisadas, ou podem apresentar uma reação de fuga da situação psicológica que as ameaça. Geralmente, esse tipo de silêncio também é carregado por muito tensionamento e manifestações psicossomáticas (Castilho, 2004).

O silêncio de dor e perda está associado ao luto de pessoas significativas em decorrência de óbito, ou qualquer outro dano (Castilho, 2004). É importante que o coordenador de grupos tenha sensibilidade para identificar os fatores causais que estão desencadeando esse silêncio e respeitar o momento do grupo, para quando ele quiser se posicionar trabalhar essa demanda para minimizar o sofrimento.

O silêncio de reflexão é comumente notado após alguma intervenção realizada pelo coordenador do grupo e tem um tempo de duração de aproximadamente 15 a 25 minutos que é interrompido pelo movimento do próprio grupo, quando algum integrante toma a iniciativa de dizer o conteúdo do seu pensamento ou de suas emoções. Quando a quebra desse silêncio não é feita espontaneamente pelo grupo, o coordenador pode disparar o seguinte questionamento: “Será que não seria interessante compartilhar o que estamos pensando ou sentindo?”. Uma consideração importante é que esse tipo de silêncio é desprovido de tensões, o que dá lugar a introspecção para a formulação mental do que será exposto posteriormente (Castilho, 2004; Schutzemberger & Weil, 1977).

O silêncio de amor e paz é percebido após uma vivência carregada de afetividade e é um dos mais expressivos em um grupo. A comunicação é concretizada pelo toque e troca de olhares. Ele é carregado de intensidade, ternura, bem-estar, plenitude e totalidade (Castilho, 2004).

Já o silêncio de expectativa tem como características marcantes a curiosidade e a espera para ouvir o que algum membro do grupo tem a verbalizar. Esse silêncio pode sinalizar uma cobrança ou apoio dos demais integrantes para que a pessoa que está com algum bloqueio de comunicação possa falar os seus sentimentos, estabelecendo-se um contato visual (Castilho, 2004).

O silêncio de solidão pode apresentar distintas conotações no grupo e depende da experiência de cada pessoa e do estágio de desenvolvimento grupal. Esse silêncio é carregado de amargura e sentimento de vazio, marca a vivência do grupo de se sentir abandonado a si mesmo. Entretanto, quando o grupo chega em um estágio terapêutico de entender e aceitar a

sua realidade, esse caráter negativo é deixado de lado e ganha o lugar da sensação do SER, o que não acontece com tanta facilidade (Castilho, 2004; Schutzemberger & Weil, 1977).

O silêncio de dependência transferencial pode ser detectado em qualquer grupo, seja de caráter terapêutico ou não. Os integrantes do grupo esperam que o coordenador adote uma função de autoridade para tomar decisões em relação ao grupo, do mesmo modo que os pais no contexto da família e os professores. De forma consciente ou inconsciente as pessoas esperam viver novamente essa experiência e como ela não acontece o grupo também se silencia. Esse silêncio também pode ser manifestado pelo medo dos integrantes do grupo de se exporem, por isso esperam que outras pessoas se coloquem primeiro (Castilho, 2004; Schutzemberger & Weil, 1977).

Já o silêncio de atenção tem como característica marcante a empatia dos integrantes do grupo que ficam disponíveis para ouvir o outro ou até mesmo para fazer contato com o seu mundo interior. Devido a sua profundidade, muitos integrantes do grupo têm medo de vivenciá-lo e passam a emitir sons para fugir desse encontro consigo mesmo, como assobios e canto de músicas (Castilho, 2004).

O silêncio de resistência e bloqueio emocional refere a dificuldade de expressão dos integrantes do grupo, em que uma pessoa esquece aquilo que iria dizer ou nem sabe se teria algo para falar e o grupo se silencia junto com ela. Uma boa figura de linguagem para o significado deste silêncio é a visualização de uma folha em branco (Castilho, 2004; Schutzemberger & Weil, 1977).

Enquanto que o silêncio de desinteresse é caracterizado essencialmente pela apatia e pode revelar resistência a algo que fala no mundo interno da pessoa simbolizando fuga, ou tédio diante do conteúdo emocional de alguma situação (Castilho, 2004). Pode vir acompanhado de saídas antecipadas de integrantes do grupo, e “sono” de muitos durante os encontros grupais.

O silêncio de depressão revela a tristeza e o desânimo de um grupo como um todo ou de um dos seus integrantes. Nesse caso é importante frisar que ele se diferencia do silêncio de desinteresse. No silêncio de depressão a ausência de sorriso e postura de passividade são as características sobressalentes, juntamente com a baixa de expectativa (Castilho, 2004; Schutzemberger & Weil, 1977) é comum que ele venha associado ao silêncio da perda.

O silêncio por dificuldade de comunicação tem a inibição como aspecto central, em que mesmo a pessoa tendo a vontade de se colocar no grupo, a inibição a impede mesmo quando é convidada a falar (Castilho, 2004). Já o silêncio de respeito representa a consideração dos

membros do grupo à dor ou dilema que o outro enfrenta, e que só o tempo poderá curar ou a decisão individual de quem está sofrendo, o que dispensa as palavras dos demais integrantes do grupo que se calam como forma de prestar solidariedade (Castilho, 2004).

O silêncio de mágoa é expresso quando a pessoa assume uma posição de vitimismo em relação a vida. Esse tipo de silêncio também pode revelar fuga ao confronto no grupo, o que demanda intervenções pelo coordenador do grupo para que a pessoa consiga sair desse lugar (Castilho, 2004).

O silêncio de adeus é recheado de sentimentos como a saudade, amor, ternura, medo, afeto, entre outros, e geralmente é observado quando alguém se despede e deixa de integrar o grupo ou quando o grupo também é encerrado. Por fim, o silêncio de desconfiança pode aparecer em distintos estágios do grupo. No início, em que seus integrantes ainda não se conhecem e possuem medo de serem julgados pelas pessoas; durante o processo do grupo ou quando o sigilo é violado; no fim do grupo pelo medo das pessoas de terem se exposto demasiadamente ou ter exposto outra pessoa (Castilho, 2004).

Como acolher o silêncio grupal para desvelar seus sentidos e significados?

Deseja-se sempre a máxima participação dos membros de um grupo, pois o envolvimento nas atividades e discussões propostas é um indicador de bom funcionamento grupal (Mota & Munari, 2006). Hipotetiza-se que a expectativa da participação ativa e constante dos membros do grupo, pode ser a razão pela qual o silêncio grupal gera sentimentos de incômodo, insegurança e incerteza em quem está na coordenação, principalmente quando o silêncio vem acompanhado de uma atmosfera de tensão no grupo.

Na visão do gestaltista Harris (1998) o silêncio grupal é muitas vezes associado à percepção equivocada de que nada está acontecendo ou sendo feito no grupo. Como vivemos em uma sociedade do fazer constante, na qual o falar acompanha a ação do fazer, o silêncio “do” e “no” grupo é muitas vezes interpretado de forma negativa enquanto o falar é supervalorizado.

Para a psicanálise o silêncio, tanto no contexto terapêutico individual, quanto no grupal, é tomado como indicativo de resistência, dando pistas de que conteúdos “obscuros”, ideias e afetos outrora reprimidos, que estão mobilizados, trata-se de uma forma de comunicação inconsciente (Sander & Kegler, 2018).

O que se pretende nessa reflexão é a ressignificação desse movimento grupal, partindo da premissa de que o silêncio é um processo de comunicação, cheio de sentido e significado, conforme evidenciado anteriormente, na classificação dos tipos de silêncio apresentados acima, que pode tanto ter uma conotação positiva quanto negativa para os participantes.

Saber manejar o silêncio é uma aprendizagem desafiadora para o coordenador de grupo e seus membros. Há uma tentação inicial dos participantes de preencher rapidamente o silêncio com palavras, risos e movimentos corporais, buscando aliviar a ansiedade e a tensão grupal (Schutzemberger & Weil, 1977).

É preciso resistir ao impulso de interrupção imediata do silêncio, dando a ele sustentação e permissão para existir pelo tempo, suficientemente possível, de provocar nos participantes e coordenadores ressonâncias e reflexões. Sustentar o silêncio, é permitir que ele fique e que circule. O coordenador deve com paciência e tranquilidade aproveitar o momento para fazer contato visual e acolhedor com cada participante, haja vista que falamos com a boca e os órgãos vocais, mas nos comunicamos com o corpo todo (Argyle, 1974). Ademais, quando o coordenador / terapeuta sustenta o silêncio grupal ele garante escuta e convoca o grupo a fala (Sander & Kegler, 2018).

O silêncio permite uma observação mais intensa e explícita do comportamento não-verbal do grupo, os gestos, as expressões faciais, os olhares trocados entre os elementos, as mudanças de posição na cadeira, a fuga para o banheiro, para o café, são elementos essenciais para retroalimentar o processo de comunicação grupal (Argyle, 1974). O comportamento não-verbal dos participantes desempenha um papel indutor e apoiador da compreensão do silêncio grupal. A fala é uma ação facilmente manipulada, e muitas vezes limitada no seu potencial de tradução, haja vista que nem tudo pode ser dito ou explicado por palavras. O comportamento corporal tende a ser uma reação inconsciente, que por não ser intelectualmente controlada, tende a ser mais verdadeira e transparente na tradução dos sentimentos e emoções das pessoas (Amado & Guittet, 1978).

Por isso é preciso “ler o silêncio” dos participantes e do grupo no contexto da interação social, com base nos elementos explícitos e ou velados que surgem no processo de comunicação, sinalizando sua existência com feedback ao grupo e problematizando a sua ocorrência. Dentre as complexas competências necessárias ao profissional que deseja atuar como coordenador de grupos está a de ler o campo grupal a partir da observação, registro e síntese dos conteúdos que emergem do processo de comunicação e interação entre os participantes, de forma

conscientemente, manifesta, ou latente e inconsciente (Sander & Kegler, 2018). Habilidades para a observação e a escuta, bem como o conhecimento de processos de comunicação grupal e domínio dos referenciais conceituais e técnicos da dinâmica grupal são fundamentais para que o coordenador auxilie o grupo a analisar seu próprio silêncio (Schutzenberger & Weil, 1977).

Este grupo de autores (as) âncora sua prática grupal na utilização da metodologia do Ciclo da Aprendizagem Vivencial (CAV) de Moscovici (2008), um recurso retirado da Teoria da Aprendizagem Experiencial, sistematizada por Kolb (1984). O CAV é uma espiral recursiva de quatro etapas que começa com (1) a vivência de uma atividade concreta, (2) seguida do processo diagnóstico de análise e processamento do vivido, (3) passando pelo momento de conceituação e mapeamento cognitivo dos aprendizados vividos sendo finalizado com a (4) construção de conexões e correlações com a realidade (Nunes, 2020).

O CAV também tem sido utilizado em diversos estudos, como recurso de processo de ensino e aprendizagem no contexto do cuidado e do ensino em saúde, como demonstra a literatura científica (Alves et al., 2016; Baiero & Albino, 2019; Souza et al., 2020), o que revela a importância dessa ferramenta para a coordenação de grupos sejam na formação escolar ou acadêmica, ou na educação permanente ou continuada de equipes multiprofissionais de várias áreas do conhecimento.

Ler o campo grupal para reconhecer as modalidades de silêncio do grupo parece mais possível quando o coordenador consegue localizar em qual momento do CAV o comportamento silente ocorre. Se o silêncio vem durante a vivência da atividade, no primeiro momento do ciclo, pode significar que o grupo ainda está desaquecido para a tarefa, ou ainda que a tarefa proposta mobilizou conteúdos que o grupo não deseja ou não consegue acessar. Se assim for, o coordenador, após sustentar por algum tempo o silêncio, pode perguntar ao grupo se a consigna da atividade está clara, ou se há alguma dificuldade em aderir a atividade proposta que queiram discutir.

Se o silêncio surge no segundo momento do CAV, no qual os participantes são convidados a dizer como se sentiram fazendo a atividade, compartilhando emoções e sensações experimentadas, é possível que o comportamento silente do grupo signifique dificuldade de contato com os aspectos emocionais vividos. Então sugere-se que após uma rodada inicial de compartilhamento, o coordenador após sustentar e acolher o silêncio presente, faça a seguinte questão problematizadora: Será que todas as pessoas que queriam falar se expressaram? Essa

provocação incentiva o grupo a sair do silêncio por iniciativa de um de seus membros e a ampliar os relatos de autoexposição.

A aprendizagem vivencial com a utilização do CAV é impulsionada pela relação dialética entre ação/reflexão e experiência/abstração. Ao vivenciar uma atividade grupal todos os participantes recebem informações por meio da experiência concreta experimentada e por intermédio do conteúdo que dela surge (Kolb, 1984; Kolb & Kolb, 2017). Com a partilha do vivido, tais informações se transformam por meio de reflexão, conceituação, ação e mudança. A partilha de experiências é momento de aprendizado tanto para quem relata (porque reflete no que está sendo dito) quanto para quem ouve o relato no grupo e do grupo, e pode a partir daí, fazer análises e ressignificações (Alves, 2023; Paula et al., 2019). Ressalta-se, no entanto, que no momento das trocas onde os participantes relatam as emoções e sensações vividas, o silêncio grupal de reflexão pode e deve acontecer, pois indica que o que foi dito está sendo internamente processado e considerado pelos membros do grupo.

A terceira e quarta etapas do CAV (conceituação e correlação com a realidade) integram ação e pensamento, através da reflexão. A reflexão sobre as consequências da ação pode servir para corrigir erros e refinar ações futuras, para gerar novas ideias com possibilidades distintas de aplicação do aprendizado adquirido, pois é o pensamento abstrato que dá sentido ao mundo (Kolb & Kolb, 2023).

As etapas de conceituação e correlação com a realidade do CAV podem gerar silêncio de atenção nos participantes do grupo se estes estiverem interessados em ouvir os conceitos apresentados, ou ainda um silêncio de dúvida caso não haja compreensão cognitiva dos membros quanto aos aspectos teóricos vividos e aprendidos. Se este for o caso, após o acolhimento inicial do silêncio por alguns instantes, o coordenador pode por realizar pequena oferta teórica dos elementos experimentados no grupo, perguntando na sequência como é para os participantes ouvi-lo e se faz sentido as reflexões que ele traz. Essa elaboração conjunta costuma incentivar a fala dos integrantes do grupo.

Conclusão

Por meio deste artigo foi possível refletir sobre os múltiplos sentidos e significados do silêncio no contexto grupal, ultrapassando a compreensão de que se trata apenas de um movimento de resistência do qual coordenador e grupo devem fugir e evitar a todo custo. O silêncio, outrora visto apenas como um espaço vazio inquietante de não fazer e nada dizer,

emerge como um universo rico em possibilidades no contexto grupal. Cabe ao coordenador, munido de uma escuta ativa, observação perspicaz e conhecimento teórico consistente do campo da dinâmica grupal, desvendar e traduzir o silêncio, conduzindo o grupo na sua permanência e ou na sua travessia.

Reconhece-se que o papel do coordenador de grupos não é uma tarefa fácil, pois além do conhecimento teórico, é preciso habilidade para reconhecer os diversos tipos de silêncio que podem se manifestar durante as sessões grupais. É premente que esse conteúdo seja abordado nos espaços formativos das diversas categorias profissionais que utilizam a tecnologia grupal para o seu cotidiano laboral. Por fim, entende-se que discussões e reflexões sobre este tema são extremamente relevantes para trazer melhorias seja no cenário da assistência à saúde, gestão de pessoas, processos de ensino-aprendizagem ou em pesquisas científicas.

Como limitação do estudo destaca-se a escassez de artigos científicos atuais publicados em periódicos científicos avaliados por pares sobre a temática do manejo do silêncio em intervenções grupais. Na produção deste artigo adotou-se como referencial teórico livros produzidos e publicados, há mais de dez anos, por autores clássicos do Campo da Dinâmica Grupal. A utilização da literatura cinzenta justifica-se pois o fenômeno do silêncio no grupo apesar de ainda ser muito atual tem sido pouco discutido por pesquisadores que atuam com grupos, o que evidencia a importância da implementação e divulgação de manuscritos que abordam esse fenômeno relevante para o êxito da prática da coordenação de grupos de todos os profissionais que atuam com essa modalidade de cuidado.

Referências

- Alves, W. M., Silva, G. L. R., Protil, R. M., & Albino, P. M. B. (2016). Avaliação do Ciclo de Aprendizagem Vivencial em uma Cooperativa Agropecuária. *Revista ELO – Diálogos Em Extensão*, 5(1), 01-10. <https://doi.org/10.21284/elo.v5i1.150>
- Alves, A. G. (2023). Metodologia ativa para favorecer o letramento em saúde mental na escola. *Intermedius - Revista de Extensão da UNIFIMES*, 1(1), 02-07. <https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/intermedius/article/view/2926>
- Amado, G., & Guittet, A. (1978). *A dinâmica da comunicação nos grupos*. Rio de Janeiro: Psyche.

- Andrade, J. M. M., Farinha, M. G., Sousa, J. M., Vale, R. R. M., & Esperidião, E. (2022). Presence of therapeutic factors in group care in the waiting room. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 24(68907), 01-08. <https://doi.org/10.5216/ree.v24.68907>
- Aquino, N. C. G., & Sei, M. B. (2020). Fatores terapêuticos em grupos abertos: um estudo qualitativo. *Vínculo*, 17(1), 97-118. <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n1p97-118>
- Argyle, M. (1974). *Comunicação e dinâmica de grupo*. São Paulo: IBRASA.
- Arnosó, A., & Gonzalo, A. (2022). Experiential Group Psychotherapy Training with Undergraduate Students in Spain. *International Journal of Group Psychotherapy*, 72(4), 358-396. <https://doi.org/10.1080/00207284.2022.2126844>
- Baiero, M. S., & Albino, P. M. B. (2019). Processo de aprendizagem baseado no ciclo de aprendizagem vivencial: uma aplicação à formação de estudantes de cooperativismo da Universidade Federal de Viçosa. *Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar*, 5(1), 111–136. <https://owl.tupa.unesp.br/recodaf/index.php/recodaf/article/view/91>
- Barbosa, M. M. P., Teodoro, E. L., & Silva, D. V. (2023). Grupos de psicoeducação para estudantes: um relato de experiência do estágio em psicologia escolar. *Revista Científica da FAEX*, 12(23), 32-50. <https://doi.org/10.57209/e-locucao.v1i23.524>
- Brito, E. J. E., & Ponciano, E. L. T. (2021). Estar em Grupo: psicoeducação para experienciar sensações corporais e emoções. *Contextos Clínicos*, 14(3), 904-927. https://www.academia.edu/85618403/Estar_em_Grupo_psicoeduca%C3%A7%C3%A3o_para_experienciar_sensa%C3%A7%C3%B5es_corporais_e_emo%C3%A7%C3%B5es
- Câmara, M. F. B., Damásio, V. F., & Munari, D. B. (1999). Vivenciando os desafios do trabalho em grupo. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 1(1), 01-11. <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/15620/5/Artigo%20-%20Michella%20Flor%20-%20Barbosa%20-%201999.pdf>
- Castilho, A. (2004). *A dinâmica do trabalho de grupo*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Corrêa, A. M. C., Oliveira, G., & Oliveira, A. C. (2021). O grupo focal na pesquisa qualitativa: princípios e fundamentos. *Revista Prisma*, 2(1), 34-47. <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/41>

- Ferracioli, N., & Santos, M. A. (2022). Manejo online do comportamento suicida na ótica de psicólogas(os) brasileiras(os): primeiras ponderações. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, 23(2):566-573. <https://doi.org/10.15309/22psd230228>
- Georgiou, J., & Reynolds, J. (2018). The Use of Silence and Silencing in Group Counseling: Productive, Unproductive, and Misunderstood. *The Practitioner Scholar: Journal of Counseling and Professional Psychology*, 7, 112-128. <https://www.thepractitionerscholar.com/article/view/18186>
- Harris, J. B. (1998). *On The Use and Power of Silence in Groups*. Manchester Gestalt Centre. http://www.mgestaltc.force9.co.uk/on_the_use_and_power_of_silenc.htm.
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential Learning: Experience as the Source of Learning and Development*. Englewood Cliffs. Prentice Hall. <http://academic.regis.edu/ed205/Kolb.pdf>.
- Kolb, A. Y. & Kolb, D. A. (2017). *The Experiential Educator: Principles and Practices of Experiential Learning*. Kaunakakai, HI: EBLS Press.
- Kolb, A. & Kolb, D. (2023). *8 Things to Know About the Experiential Learning Cycle*. Kaunakakai, HI: EBLS Press.
- Maré, P. B. (1974). *Perspectivas em psicoterapia de grupo*. Imago Editora.
- Moreira, J. B., Muro, E. S., Monteiro, L. A., Iunes, D. H., Assis, B. B., & Chaves, E. C. L. (2020). The effect of operative groups on diabetic foot self-care education: a randomized clinical trial. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 54, e03624. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019005403624>
- Moscovici, F. (2008). *Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo*. (17a ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Mota, K. A. M. B., & Munari, D. B. (2006). Um olhar para a dinâmica do coordenador de grupos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 8(1), 150-161. <https://doi.org/10.5216/ree.v8i1.931>.
- Neufeld, C. B., Rebessi, I. P., Fidelis, P. C. B., Rios, B. F., Albuquerque, I. L. S. D., Bosaipo, N. B., Mendes, A. I. F., & Szupczynski, K. P. D. R. (2021). LaPICC contra COVID-19: Relato de uma experiência de terapia cognitivo-comportamental em grupo online. *Psico*, 52(3), e41554. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2021.3.41554>
- Nunes, F. C. (2020). *Qualifica(ção) de profissionais de Centros de Atenção Psicossocial para o uso da Tecnologia Grupal*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Goiás.

- Nunes, F. C. (2009). *O processo da comunicação organizacional das unidades de enfermagem de um Hospital Universitário - Estudo de caso*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Goiás.
- Nunes, F. C., Caixeta, C. C., Pinho, E. S., Souza, A. C. S., & Barbosa, M. A. (2019). A tecnologia grupal no cuidado psicossocial: um diálogo entre pesquisa-ação e educação permanente em saúde. *Texto & Contexto Enfermagem*, 28(e20180161), 01-13. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0161>
- Nunes, F. C., Farinha, M. G., Barbosa, M. A., Caixeta, C. C., Costa, A. P., & Silva, N. S. (2021). Uso de narrativas para o aprendizado da tecnologia grupal por profissionais de Centros de Atenção Psicossocial. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 55(e03772), 01-09. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2020010403722>
- Nunes, F. C., Farinha, M. G., Valentin, F., Barbosa, M. A., & Rua, M. S. (2020). Dinâmica de grupo e pesquisa-ação em saúde: possibilidades de aplicação. *Millenium*, 2(11), 65-71. <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/6633/1/7-art-DIN%c3%82MICA%20DE%20GRUPO-Fernanda%20Nunes-PT-sa%c3%bade.pdf>
- Oliveira, J. C., Penido, C. M. F., Franco, A. C. R., Santos, T. L. A., & Silva, B. A. W. (2022). Especificidades do grupo focal on-line: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(5):1813-1826. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.11682021>
- Paula, T. B., Silveira, E. A. A., & Soares, P. S. (2019). Bem cuidar: grupos de educação em saúde para acompanhantes. *Revista Ciência em Extensão*, 15(3), 113-121. https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1812/2322
- Prado, A. P. C., & Cardoso, C. L. (2020). Coordenação grupal em uma modalidade de cuidado: grupo comunitário de saúde mental. *Psicologia em Estudo*, 25(e42129), 01-15. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.42129>
- Rézio, L. A., Ceccim, R. B., Silva, A. K. L., Cebalho, M. T. O., & Borges, F. A. (2022). A dramatização como dispositivo para a Educação Permanente em Saúde Mental: uma pesquisa-intervenção. *Interface (Botucatu)*, 26, e210579 <https://doi.org/10.1590/interface.210579>
- Sander, G. K., & Kegler, P. (2018). O silêncio em palavras mudas e ausentes: uma escuta psicanalítica. *Contextos Clínicos*, 11(1):122-135. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v11n1/v11n1a11.pdf>

- Santos, E. A. M., Lima, L. V., Cavalcante, J. R. C., & Amaral, M. S. (2022). A relevância do grupo de gestantes na Atenção Primária à Saúde: uma revisão da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 17, e9837. <https://doi.org/10.25248/reaenf.e9837.2022>
- Santos, A. C., & Sousa, T. F. (2021). A gestão do cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos em Una (BA). *Revista Baiana de Saúde Pública*, 45(3), 287-298. <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2021.v45.n3.a3471>
- Schutzenberger, A. A., & Weil, P. (1977). *Psicodrama Triádico: Uma síntese entre Freud, Moreno, Kurt Lewin e outros*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Sola, P. P. B., Oliveira-Cardoso, É. A., Santos, J. H. C., & Santos, M. A. (2021). Psicologia em tempos de covid-19: experiência de grupo terapêutico on-line. *Revista da SPAGESP*, 22(2), 73-88. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8147586>
- Solidade, J. R., Sousa, J. M., Braga, T. B. M., Stefanini, J. R., Caixeta, C. C., & Farinha, M. G. (2022). Grupo terapêutico on-line para o cuidado de idosos durante a pandemia de COVID-19. *Perspectivas em Psicologia*, 26(1), 01-18. <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/67958>
- Sousa, J. M. (2020). *Intervenções grupais em Centros de Atenção Psicossocial AD*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Goiás.
- Sousa, J. M., Farinha, M. G., Silva, N. S., Caixeta, C. C., Lucchese R., & Esperidião, E. (2022). Potential of group interventions in Psychosocial Care Centers for Alcohol and Drugs. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 26(e20210294), 01-10. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0294>
- Sousa, J. M., Farinha, M. G., Caixeta, C. C., Vale, R. R. M., Pinho, E. S., Nunes, F. C., & Esperidião, E. (2023a). Prática de coordenação de grupos na atenção psicossocial: experiências de profissionais. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 16(10), 21929–21946. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.10-192>
- Sousa, J. M., Lucchese, R., Farinha, M. G., Moraes, D. X., Silva, N. S., & Esperidião, E. (2023b). Group interventions in psychosocial care centers for alcohol and drugs: challenges of care practice. *Texto & Contexto Enfermagem*, 32(e20220180), 01-16. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0180pt>
- Sousa, F. M. S., Severo, A. K. S., Félix-Silva, A. V., & Amorim, A. K. M. A. (2020a). Educação interprofissional e educação permanente em saúde como estratégia para a construção de

- cuidado integral na Rede de Atenção Psicossocial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(1), e300111. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300111>
- Sousa, J. M., Vale, R. R. M., Pinho, E. S., Almeida, D. R., Nunes, F. C., Farinha, M. G., & Esperidião, E. (2020b). Effectiveness of therapeutic groups in psychosocial care: analysis in the light of yalom's therapeutic factors. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(Suppl 1), e20200410. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0410>
- Souza, A. C. S., Bezerra, A. L. Q., Caixeta, C. C., Pinho, E. S., Paranaguá, T. T. B., & Teixeira, C. C. (2020). Perception of professionals about patient safety in psychosocial care. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(Suppl 1): e20180831. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0831>
- Souza, M. M. S., Santos, F. A., Lima, A. R. C., Santos, D. Y., & Barbosa, L. S. (2023). Grupo terapêutico acolher e empoderar mulheres na maternidade do HUPAA. *Gep News*, 7(2), 215–219. <https://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/16111>
- Watzlawick, P., Bavelas, J. B., & Jackson, D. D. (2011). *Pragmatics of Human Communication: A Study of Interactional Patterns, Pathologies, and Paradoxes*. WW Norton & Company, New York.
- Yoshida, K. K., & Furlan, P. G. (2021). Caracterização de participantes de grupos de yoga em serviço universitário de atenção primária à saúde. *Saúde (Santa Maria)*, 47(1), 01-12. <https://doi.org/10.5902/2236583461929>